

A ADOÇÃO DAS EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS NO ENSINO DO IDIOMA PORTUGUÊS PARA MILITARES ESTRANGEIROS.

Autora: Janiara de Lima Medeiros – Orientador: Ronaldo Rosas

Universidade Federal Fluminense
jani.medeiros.educacao@gmail.com

Resumo:

A proposta deste artigo é despertar reflexões para a aplicação de expressões idiomáticas no ensino de língua portuguesa para estrangeiros, reconhecendo que a utilização das expressões idiomáticas exige, além de uma compreensão lexical, também o entendimento cultural a que se objetiva este ensino. Independente do idioma, tais expressões podem corresponder a igual, oposto ou inexistente sentido na língua materna do falante. Considerando que no contexto militar há um vocabulário particular que direciona a expressões específicas, entra-se num universo semântico ainda mais atraente, no qual, além da compreensão vocabular, o discente passa a dialogar no contexto da cultura local e, além disso, da cultura militar brasileira. A inexistência de materiais didáticos adequados ao ensino de português especificamente para militares estrangeiros e o interesse despertado nos militares através deste recurso com reflexão ao maior aproveitamento na aquisição da nova linguagem são os dois fatores principais que justificam este trabalho.

Palavras-chave: Português, Militares estrangeiros, Expressões idiomáticas, Vocabulário militar, Linguajar verde-oliva.

INTRODUÇÃO

Com o aumento da demanda de Oficiais das Nações Amigas (ONA) em missões no Brasil ou em países em que há a necessidade de comunicação em Língua Portuguesa brasileira, há o crescimento do interesse dos países amigos para o envio de seus militares sejam do exército, marinha ou aeronáutica, na busca de comunicação em língua portuguesa. Enfatiza-se o fato de tratarmos aqui da língua portuguesa do Brasil visto que o idioma foi oficialmente instituído em Angola, Cabo Verde, Guiné Equatorial, Guiné-Bissau, Portugal, Moçambique, Timor Leste e São Tomé e Príncipe. O idioma nacional se distingue por dialetos e variações linguísticas específicas e, portanto, cabe clarificar que aqui trataremos do português do Brasil e não do europeu (ou português de Portugal, como muitos intitulam).

É indiscutível que, por conta das relações financeiras e econômicas, além do desenvolvimento acelerado tecnológico, a maior parte da informação no nosso continente é circulada através da língua inglesa. Razão pela qual criou-se a expectativa de que quaisquer profissionais, sejam eles civis ou militares, necessitam da habilidade em inglês como segunda língua para uma melhor colocação ou desenvolvimento de carreira. Contudo, a partir de 1991, com o surgimento do Mercosul, despertou-se a necessidade de uma terceira língua

(considerando a língua materna como a primeira, inglês em segundo e o espanhol a seguir) como exigência curricular para um profissional de destaque: o espanhol.

Nos últimos anos, com a crescente demanda de estrangeiros vindos para o Brasil a fim de atenderem ao trabalho de diferentes segmentos da indústria civil, ocorreu o aumento da procura por professores de português para expatriados. A esse impacto na cadeia de produção acrescenta-se não somente o ensino do idioma, como também a necessidade de ambientação a forma de vida brasileira. Partindo deste ponto, observa-se que o professor deve atuar de forma flexível e com neutralidade quanto as diferentes culturas.

Gusmão (2016, p.15), militar do Exército Brasileiro, docente e mestre em Estudos da Linguagem, em seu livro O Linguajar verde-oliva, descreve o início da crescente demanda de estrangeiros militares no Brasil:

No contexto militar brasileiro, a presença de militares estrangeiros é uma constante. O Brasil recebe oficiais e alunos oriundos de diferentes países, tais como cadetes da Academia Militar de West Point (no IME e na AMAN), oficiais dos Estados Unidos, da Argentina, do Chile, do Equador, do Paraguai, do Peru, da República Dominicana, do Uruguai, da Espanha (alunos ou instrutores da ECEME), dentre outros, que passam um período de até dois anos no Brasil, a fim de conhecer melhor o idioma falado e a cultura do país.

Gusmão (2016, p.16), acrescenta quanto a expectativa de futuro em relação a esta progressiva procura:

O Ministério da Defesa e a Agência Brasileira de Cooperação (ABC), ligada ao Itamaraty, firmaram um convênio, em 2010, por meio do qual o Brasil passou a aumentar o número de militares de países da África e da América Latina para fazer treinamento prático ou teórico em território brasileiro. Essa iniciativa institucionalizou a política de estado de formação de militares estrangeiros, comum em países desenvolvidos e com peso na indústria de armas. De 2000 a 2009, o Exército Brasileiro recebeu cerca de 1.100 estrangeiros para realizar cursos militares e, após essa iniciativa da ABC, a tendência é aumentar desse número.

Considerando que o estudo do novo idioma objetiva a interação social através da comunicação, ou seja, por meio da compreensão das mensagens entre o falante e o ouvinte. Sendo assim, tanto a compreensão auditiva quanto a expressão oral são fundamentais não somente na linguagem verbal, como também nos recursos não verbais da linguagem, tais como a expressão facial, a entonação da voz, a postura e os gestos que também variam de regiões e de países.

É desafiador para o docente que o seu olhar no ensino de português para militares estrangeiros esteja no reconhecimento quanto ao ensino de português não como língua materna, mas como segunda língua para um público já formado profissionalmente e, principalmente com valores e cultura fortemente enraizados. Ou seja, é alfabetizar sem

infantilizar. É ensinar a aprender como se dá comunicação contextualizando através do conceito de interdisciplinaridade a realidade multicultural fortemente influenciada pela formação militar das distintas forças armadas.

Quando fala-se de curso de português para estrangeiros, inicialmente se tem a ideia de que o ensino abrangerá os estudos gramaticais tradicionais que incluem desde o básico (fonologia: estuda os sons da fala que abrange desde a pronúncia até a ortografia; morfologia: compreende a estrutura das palavras e suas classes gramaticais; sintaxe: focalizada na disposição das palavras na frase para a transmissão do significado) aos estudos complementares (semântica: analisa o significado da linguagem seja verbal ou não verbal dentro de um determinado contexto; estilística: a elegância na escrita utilizando recursos expressivos que vão desde a poética à retórica).

Tendo em vista que a comunicação profissional e pessoal cotidiana é a finalidade do ensino de português para estrangeiros, torna-se necessária a ambientação linguística nos contextos militar e social.

Concordando com Porcher (1996, p.4) “a comunicação em língua estrangeira não se prende só à aprendizagem da língua. Mais que isso, não existe nenhuma objetividade se o ensino não se associa às competências culturais e interculturais”.

Diante desta necessidade real, tornam-se tão importantes a apresentação da linguagem verbal formal quanto a informal utilizadas dentro e fora da caserna, abrangendo o contexto cultural regional e militar.

METODOLOGIA DA PESQUISA

A condição de vida existente em determinada sociedade é refletida na língua nativa, vai se transformando através da socialização dos indivíduos e expressa a multiplicidade destas relações no cotidiano. Os padrões culturais definem determinada sociedade pois são estes padrões que mantêm a vitalidade linguística local.

Neste objeto de pesquisa estão o Curso de Português para Militares Estrangeiros (CPME) e o Estágio do Idioma Português e Ambientação (EIPA) oferecidos pelo Centro de Idiomas do Exército (CIdEx). Ambos têm a duração aproximada de até 34 semanas e 9 semanas, respectivamente. Estas atividades têm como objetivo promover o ensino da Língua Portuguesa para militares estrangeiros, designados para o desempenho funções no Brasil, aplicando as habilidades de compreensão auditiva, compreensão leitora, expressão oral e

expressão escrita, com base na gramática da Língua Portuguesa, bem como propiciar uma ambientação à cultura brasileira e ao contexto militar das Forças Armadas do Brasil.

Diante disso a pesquisa exploratória e a explicativa buscaram o reconhecimento da língua utilizada como função social de especificar, definir e revelar toda a pluralidade de determinada sociedade. Portanto, insere-se ao ensino de línguas a contextualização social o que inclui conhecimentos históricos, político, geográfico e econômico desta comunidade, o que compreende também a sua identidade e sua diversidade reunidos na mesma cultura.

Desta forma, podemos então perceber que trabalhar cultura no ensino de qualquer idioma, inclusive no seu idioma natal é de fato um trabalho complexo e árduo visto que inclui também valores concretos e abstratos – sob o ponto de vista religioso, entre outras características humanas que foram ou serão adquiridas ao longo da sua vivência e repassadas às próximas gerações.

Os temas culturais propostos são os naturalmente surgidos nas tradições coletivas regionais e não sob o aspecto de produção cultural no que tange a conhecimentos teóricos, metodológicos e práticos nesta área do conhecimento.

Além das questões complexas do idioma português no que diz respeito aos estudos gramaticais, há de se observar e atentar ao fato da compreensão clara dos objetivos pelos quais os militares necessitam do estudo da língua, bem como suas origens e diagnóstico claro quanto a fluência previa (se existente) no idioma português principalmente nas habilidades de compreensão auditiva e expressão escrita.

O professor é (ou deve ser) um constante pesquisador e, neste sentido, cabe aqui uma inferência filosófica para justificar a metodologia na prática. Outra ponderação é à quanto autoavaliação docente, que constantemente deve avaliar métodos, conhecimentos técnicos e resultados obtidos. Esta avaliação não deve ser aleatória, mas sim de forma individual e consciente das práticas adotadas e interpretação dos resultados obtidos com base no objetivo do curso ou do estágio.

Ao desenvolver a investigação sobre a aplicabilidade das expressões idiomáticas no ensino do idioma Português para os militares estrangeiros, a metodologia buscou levantar inicialmente um referencial teórico inicialmente nas produções militares do Exército. Para tanto, a BIBLIEX (Biblioteca do Exército) situada no Rio de Janeiro é de grande diferencial para estudos contínuos.

Ao identificar Gusmão (2016) como maior e mais atual referencial teórico e suas pesquisas quantitativas e qualitativas, a oportunidade encontrada foi a de avançar não só no

sentido do vocabulário militar (que é seu objeto de pesquisa), como de aprofundar esta análise para além do vocabulário: às expressões.

Neste trabalho o objeto é a utilização das expressões brasileiras locais, não especificamente as expressões militares às quais exigirão outro nível de habilidade linguística aos militares-alunos envolvidos.

Sendo assim, o máximo de informações coletadas sobre o perfil dos alunos e objetivos do estudo do português é que poderão ser melhor selecionados os recursos e metodologia de ensino considerando a flexibilidade do planejamento. Retomando Gusmão (2016, p. 15):

Em janeiro de 2011, o Departamento de Defesa dos EUA promoveu uma reunião de cúpula com os principais acadêmicos e líderes militares das Américas, intitulada Idioma e Cultura: um imperativo estratégico. No discurso de abertura, o subsecretário da Defesa para a prontidão, Samuel Kleinman, afirmou que competências linguísticas e consciências cultural são uma questão imperativa de “segurança nacional”, “essencial para promover relações internacionais seguras e compreender as ameaças postas por possíveis adversários” (DIÁLOGO, v.21). o General Douglas Fraser, comandante do Comando Sul dos EUA à época, acrescentou ainda que, ao ser capaz de falar outros idiomas e de aplicar o contexto cultural em sua interação, o militar melhora dramaticamente sua comunicação com seus contrapartes.

Também à pesquisa documental faz-se necessária a fim de compreender as necessidades dos cursos e estágios de estrangeiros militares no Brasil bem como sua regulamentação no contexto militar.

RESULTADOS

A questão gramatical é trabalhada a partir das construções de comunicação onde, por exemplo, são apresentados os artigos definidos ou indefinidos demonstrando a diferença de sentido em sua aplicação. Por exemplo: vou alugar um imóvel (indefinido) ou vou alugar o imóvel do antigo oficial do meu país que estava em missão aqui (definindo o substantivo). É irrelevante tratar de classes gramaticais de forma especificada visto que não agregará ao estrangeiro, mas do entendimento desta sentença.

Por isso ao tratar de cultura, ressalta-se a relevância de se abordar as diversas culturas correspondentes as diferentes regiões brasileiras. E quanto à cultura militar, tratar do contexto militar no Brasil em suas forças armadas específicas.

Neste aspecto, conteúdos considerados relevantes tratam desde a história, as tradições e a formação da identidade nacional abordando assuntos como o descobrimento do Brasil e sua colonização; a formação étnica do povo brasileiro; a influência do negro e do

índio na formação cultural; até conteúdos como sociedade e diversidade tratando de assuntos tais como regionalismo, tradições, formas de expressões culturais, gastronomia, expressões artísticas. Também a cultura contemporânea reveste-se de importância quando apresenta assuntos como a influência da imigração em nosso país além das diversas manifestações da cultura contemporânea na literatura, na música, na arte e em outros movimentos do cotidiano brasileiro.

Na prática, as tradições das regiões brasileiras buscam são trabalhadas interdisciplinarmente e comparativamente à cultura nativa de cada aluno em que, o confronto ou a identificação com as respectivas e distintas culturas são usados como pano de fundo para os conhecimentos práticos entre língua, linguagem e fala.

No que tange a cultura militar brasileira, a relevância consiste em contextualizar a temas como é a organização das Forças Armadas brasileiras; postos e graduações (Marinha, Exército e Aeronáutica); hierarquia e disciplina; datas comemorativas militares, entre outros.

O interessante observado é que uma vez adquirido o vocabulário regional e o militar, ambos passam a ser utilizados nos diversos ambientes em que o aluno – e militar – passa a fazer parte. Esta afirmação é ratificada pela Gusmão em sua pesquisa (2016, p. 28):

(...) um dado curioso é o caso de uma participante que, mesmo tendo dado baixa do EB por ter sido aprovada em concurso público para outro órgão federal, continua a fazer o uso do jargão militar, não só dentro do novo local de trabalho, um lugar onde só trabalham civis, mas também fora dele. Sobre o uso do jargão militar fora do ambiente militar, foram citadas palavras tais como: *bisonho, bizu, cartear, felpa, sanhaço, torar, papirar, rolha, zaralho*, etc (...)

Corroborando neste ponto, incluem-se as expressões idiomáticas tão importantes quanto o vocabulário da caserna visto que, de uso coloquial, o jargão militar e a composição das suas expressões são peculiares ao ambiente castrense e, portanto, de extrema importância para a compreensão e comunicação.

O objetivo, portanto é que através da linguagem verbal e não verbal seja acessível o contexto cultural e, reforçando nestas relações textuais, a competência comunicativa através das habilidades de expressões oral e escrita e de compreensões auditiva e leitora não se limitem às estruturas gramaticais por seguir um protocolo linguístico, mas por fazer sentido ao aluno.

Neste sentido, as distinções entre norma culta e linguagem militar precisam ocorrer. Por esta razão, durante as aulas, conforme o nível de compreensão linguística e maturidade dos alunos são fundamentais deixar sempre muito claro o que diz a gramática, como é aplicado nos textos militares e como é a linguagem coloquial na vida fora da caserna.

O detalhamento gramatical é irrelevante, o importante é a compreensão linguística e em seguida o entendimento da aplicação na expressão formal e informal. Por insistência um ótimo aluno continua perguntando ou trazendo exemplos que leu ou ouviu e questiona se em alguma hipótese pode utilizar o pronome antes do verbo. O importante neste ponto é fazer com que o aluno perceba que se a regra diz que não pode começar uma frase com pronome, mas não invalida outros termos do mesmo campo lexical.

A linguagem técnica utilizada no dia a dia da caserna não é foco para militares estrangeiros que compreendem as três forças e conseqüentemente os vocabulários se diferenciam. Dependendo do nível de conhecimento profissional da classe, é recomendável indicar aos alunos os manuais do Exército Brasileiro. Retomando sempre que, embora esta linguagem esteja pintada em verde-oliva, as questões gramaticais ou coloquiais são importantes para a compressão e comunicação de acordo com o contexto.

A adoção de expressões idiomáticas como estratégia de ensino de idiomas transpõe as barreiras do tradicionalismo educacional e militar. Isto porque ainda não existem materiais didáticos adequados, porque não existem educadores e docentes pensando neste viés e porque não se foi pensado sair do pronto para a contextualização de forma pragmática no desenvolvimento das habilidades linguísticas no momento atual. Esta inovação admite a experimentação no processo de mudança de paradigmas da Força, corroborando com a necessidade de adaptação às transformações sociais que incluem as militares.

Desmistificando o conceito de forma exemplificada de expressão idiomática, citarei alguns exemplos: andar na linha; perder a linha; aos trancos e barrancos; babar ovo; arregaçar as mangas; entre outras. Ou seja, na prática um vocábulo ou uma frase assumem significados diferentes daqueles que as palavras teriam se estivessem isoladas.

A razão pela qual um escritor nativo ou não do idioma ou um falante utilizam as expressões idiomáticas nada mais é que o desejo de enfatizar à mensagem algo que a linguagem tradicional não conseguiria manifestar. Uma expressão idiomática pode reforçar o sentido de uma frase de forma sutil ou reduzir o choque causado pelo impacto de uma mensagem desagradável ao usar de ironia ou bom humor. Contudo a utilização que o falante faz destas expressões determina o seu grau de domínio e intimidade com a língua.

É importante considerar que a utilização das expressões idiomáticas deve ser avaliada conforme o grau de conhecimento da língua portuguesa dos estrangeiros, sendo inadequado do ponto de vista pedagógico, a sua utilização nos primeiros contatos com o idioma. Por outro, é possível um estudo mais aprofundado do tema como recurso de ensino

que pode ser aperfeiçoado num cenário de mudanças paradigmáticas educacionais militares.

Neste contexto, afirmam Pereira, F.S. ; Owerney, R.F. (2017, p. 1)

O processo de globalização, aliado ao avanço tecnológico, tem promovido a intensificação do capitalismo e a consequente divisão social e técnica do trabalho. Com o mercado de trabalho cada vez mais organizado e especializado, toda a sociedade tem sido obrigada a reestruturar-se, de tal maneira que estamos diante de profundas transformações. O Exército Brasileiro (EB), sintonizado com as novas conjunturas, percebeu a inadiável necessidade de promover um processo de atualização no seu Sistema de Ensino. Essencialmente, as modificações visam aperfeiçoá-lo, para permitir-lhe fazer frente aos desafios do futuro, admitindo experimentar transições de paradigmas educacionais.

Oportunamente proponho aqui uma breve reflexão comparativa dos modelos tradicionais, modernos e pós-modernos de pesquisa e, dentro desta linha de pensamento, por analogia, identificar o ensino tradicional dentro da realidade castrense como sendo o senso comum militar no qual o modo de pensar da maioria dos militares é normalmente admitido, o que força a aquisição do conhecimento a partir das vivências em suas missões sejam em campo ou diplomáticas. Em outras palavras: o distanciamento do ensino tradicional em defesa da manutenção dos tradicionais livros e metodologias didáticos. Também por analogia faz-se à inclusão das expressões idiomáticas no contexto do ensino militar como uma ruptura de paradigmas no qual a comunicação existente no senso comum (enquanto objeto) é analisada pedagogicamente (ou seja, possui embasamento científico) além de ir ao encontro dos objetivos propostos e, portanto, não adotada indiscriminadamente.

Pensando no posicionamento do filósofo francês Gaston Bachelard, considerado pai da epistemologia moderna, quanto a conhecimento comum e conhecimento científico, em que defende o conhecimento científico como ciência superior ao do senso comum, reforçando a relevância superior do ensino através dos conceitos científicos analisados, testados e estabelecidos. Segundo Bachelard, a verdade absoluta inexistente pois as verdades se constroem através da história. Com este seu conceito pode-se dizer que Bachelard não condena o senso comum (em nossa reflexão análoga seria a manutenção do ensino militar com conteúdos e estratégias tradicionais), mas que elementos do senso comum passam a ser verdadeiros após resultados científicos sejam no campo das ciências exatas ou humanas. Portanto, há que se indagar quanto a manutenção ou não da utilização do senso comum (que visa o tradicionalismo conceitual), se o Pai da Epistemologia Moderna o contrapõe em defesa de que as ciências se desenvolvem a partir da desconfiança da tradição, desta manutenção histórica. Razão pela qual a afirmação quanto ao conceito de verdade provisória e a ideia de que a

descontinuidade das verdades devem ocorrer para oportunizar um novo saber. Segundo Bachelard (1972, p. 48):

O progresso científico manifesta sempre uma ruptura, perpétuas rupturas, entre conhecimento comum e o conhecimento científico, desde que se aborde uma ciência evoluída, uma ciência que, pelo fato mesmo de suas rupturas, traga a marca da modernidade.

Uma vez que o objetivo do ensino de português para militares estrangeiros inclui a sua ambientação local, é necessário superar os preestabelecidos manuais e buscar da cultura local os elementos comunicativos no desenvolvimento das habilidades linguísticas. Contudo, a inclusão destes elementos culturais não devem ocorrer de forma indiscriminada, mas justificada e com finalidade. Na busca de compreender até que ponto se justificam os embasamentos científicos para adotar as expressões idiomáticas ao ensino e público já apresentados ou a manutenção do senso comum militar em que preconiza-se a manutenção do léxico da caserna em razão do tradicionalismo.

CONCLUSÃO

Diante de todo o cenário apresentado, enquanto militar, professora de língua portuguesa e educadora, compartilho a problemática da desconfiança do senso comum ao mitificar a possibilidade de ensino de português através de expressões idiomáticas, pois na medida em que este pensamento é desconstruído, o raciocínio e as associações são construídas pragmaticamente partindo das partes para o todo.

É prudente considerar que a utilização do senso comum (do ponto de vista das expressões idiomáticas como recurso) para descontinuar o conhecimento tradicional, em que, ao concordar que há contradições, há também a positividade do erro através da inovação ao romper com o que já é aceito pela comunidade científica e padrões militares no que entende-se em formação tradicional.

Considerando que a identidade de uma nação é manifestada através da sua língua e da sua cultura sendo a comunicação através do idioma local a parte de primeiro impacto, mais visível e perceptível devido ao contato imediato entre os indivíduos. Já a cultura é uma comunicação expressa já enraizada e por isso menos acessível. Ou melhor, é mais impregnada por caracterizar não só o indivíduo, mas um grupo social.

Não é possível desassociar o ensino do idioma português como segunda língua ao ensino da cultura brasileira e militar do Brasil pois os conhecimentos linguísticos, também

empíricos, apresentam de forma contextualizada a sua razão de uso imediato dentro ou fora da sala de aula.

Não por fim, mas para saudar o pontapé inicial deste artigo, desejo agradecer ao Coronel Júlio César, atual Chefe de Gabinete do Departamento de Educação e Cultura do Exército (DECEX), pela credibilidade profissional e contribuição com suas incisivas provocações no que tange ao ensino do idioma Português para militares estrangeiros. Durante esse período (2016-2017), enquanto atuou na função de Subcomandante do Centro de Estudos de Pessoal e Forte Duque de Caxias (CEP/FDC), organização militar a que o Centro de Idiomas do Exército (CidEx) estava subordinado administrativamente, fez toda a diferença o seu incentivo nas atividades militares, pedagógicas, de pesquisas e para produções acadêmicas, culminando na expectativa atingida com o Mestrado Acadêmico.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, I. **Aula de Português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola editorial, 2003.
- BACHELARD, Gaston. Conhecimento comum e conhecimento científico. **Tempo Brasileiro**. São Paulo, n. 28, p. 47-56, jan-mar 1972.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.
- BRASIL. **Lei 9.394 de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 25 abr. 2017.
- _____. **Portaria nº 110** – EME, de 12 JUN 13, que dispõe sobre a Diretriz Reguladora das Atividades de Ensino para Militares das Nações Amigas no Exército Brasileiro e revoga a Portaria no 225, de 13 de dezembro de 2006, do Estado-Maior do Exército.
- _____. **Portaria nº 253** – EME, de 30 DEZ 13, que cria o Curso de Português para Militares Estrangeiros.
- GARCIA, L. A. M. G. **Competências e habilidades: você sabe lidar com isso? Educação e Ciência On-line**. Brasília: Universidade de Brasília. Disponível em: <<http://uvnt.universidadevirtual.br/ciencias/002.htm>>. Acesso em: 01 mar. 2018.
- GUSMÃO, Célia Rodrigues. **O Linguajar verde-oliva**. 1. ed. Curitiba: Prismas, 2016.
- PEREIRA, F. S. ; OWERNEY, R. F. O sistema de ensino do Exército Brasileiro e suas transformações para o século XXI. In: **CUNHA, K.M.R; RAMOS, L.F.S. Educação Inclusiva: avanços e desafios**. Rio de Janeiro: CEP/FDC, 2017. 237-260
- PORCHER, Louis. **Cultures... culture. Le Français dans le monde** – Recherches et applications. Paris: Hachette EDICEF, Janvier 1996, numéro spécial.